PERIFERIA E REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA NO CONTO “JIBOIA”, DE CLÓVIS DE CARVALHO

Fernando Reis de Sena¹

Resumo: Analisa-se a representação da periferia no conto “Jiboia”, de Clóvis de Carvalho, e sua influência na construção da identidade do sujeito. Busca-se perceber os sentidos de alteridade e compreender o modo como o escritor se posiciona contra os discursos discriminatórios e preconceituosos sobre a sua coletividade. Conclui-se que a narrativa de Carvalho funciona como difusora de reflexões sobre o cotidiano das periferias urbanas, cujas manifestações literárias produzidas em seu interior assumem a função dessacralizante no sentido de recriar e repensar a construção da identidade dos sujeitos marginalizados ao longo do tempo.

Palavras-chave: Clóvis de Carvalho. Identidade. Literatura marginal.

Considerações iniciais

A periferia surge na literatura brasileira contemporânea como personagem de destaque, em especial da que é produzida nela e que narra a vida de seus moradores. Essa produção tem chamado a atenção da crítica pela novidade de estilos e temas, além de seus autores terem a oportunidade de produzir discursos e inseri-los em um sistema literário que engloba negros, mulheres, homossexuais, (ex-) presidiários, indígenas, entre outros grupos que produzem sob a égide da marginalidade.

Este estudo analisa a representação da periferia no conto “Jiboia”, de Clóvis de Carvalho, e sua influência na construção da identidade do sujeito. Além disso, busca perceber os sentidos de alteridade e compreender o modo como o escritor se apropria do contexto periférico para criar seu enredo. O conto foi publicado em 2004, na revista *Caros Amigos/ Literatura Marginal – a cultura da periferia*. Apresenta discurso que encanta pela suavidade e leveza do narrador nos cuidados com as plantas que tem em casa e pelo olhar crítico do autor para uma realidade que historicamente lhe oprime, deixando em evidência sua inquietação, angústia e anseio por liberdade, além de dar visibilidade a problemas reais, como a violência, o preconceito, o autoritarismo e a busca da identidade desassociada da criminalidade.

¹ Graduado em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus X – Teixeira de Freitas; integrante do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens (GEICEL/UNEB). E-mail: fernando.reys@hotmail.com

1. Literatura marginal: breves abordagens

Segundo Sérgio Gonzaga (1981, p. 148), o termo marginal vulgarizou-se nos anos de 1950, época marcada pelo eufórico ambiente progressista e do intenso processo de urbanização, para referir aos “habitantes das favelas urbanas, que o projeto de metas havia multiplicado. Porém, tinham-se essas favelas e essa marginalidade como transitórias, resultados passageiros e inevitáveis do crescimento econômico. Desapareceriam quando o ciclo do desenvolvimento se complementasse”. Ao contrário disso, viu-se a economia crescer, acentuando a desigualdade entre os vários grupos e regiões do país o que aguçou a imagem negativa sobre eles. A partir daí, o termo ganhou aspectos policialescos e o sujeito que recebia o rótulo de marginal não era, exclusivamente, o favelado, mas aqueles privados do sistema de sobrevivência da sociedade capitalista, como o ladrão, a prostituta, o mendigo e o menor abandonado (GONZAGA, 1981).

Na literatura, a rubrica marginal foi reempregada por Reginaldo Ferreira da Silva, o Ferréz, nos anos 2000, para fazer referência aos sujeitos e a produção literária das periferias que reivindicavam por melhores condições de vida e criticavam a invisibilidade e a exclusão destas áreas dos benefícios do sistema². Ferréz ao proferir sobre sua obra declarou:

Quando lancei o *Capão Pecado* me perguntavam de qual movimento eu era, se eu era do modernismo, de vanguarda... e eu não era nada, só era do hip hop. Nessa época eu fui conhecendo reportagens sobre o João Antônio e o Plínio Marcos e conheci o termo marginal. Eu pensei que era adequado ao que eu fazia porque eu era da literatura que fica à margem do rio e sempre me chamaram de marginal. Outros escritores, pra mim, eram boyzinhos e eu passei a falar que era literatura marginal (NASCIMENTO, 2009, p. 42-43).

Este sentido difere do que surgiu no auge dos anos de 1970 tanto na intencionalidade e no engajamento político-ideológico, quanto no perfil dos escritores. Érica Peçanha do Nascimento (2009) observa que a geração de 70 destacou os poetas oriundos de universidades públicas e ligados a outras atividades culturais provenientes das classes média e alta, e como estavam à margem do mercado editorial, divulgavam seus textos pelas ruas, praças e bares em folhas mimeografadas, por isso, o rótulo de “geração mimeógrafo”.

² É romancista, contista e poeta. Suas obras: *Fortaleza da desilusão* (1997); *Capão pecado* (2000); *Manual prático do ódio* (2003); *Amanhecer Esmeralda* (2005); *Ninguém é inocente em São Paulo* (2006); *Cronista de um tempo ruim* (2009); *Deus foi almoçar* (2011) e *Pote mágico* (2012).

A literatura produzida por esses poetas buscava subverter os padrões de qualidade, ordem e bom gosto vigentes e desvinculava-se das produções tidas como “engajadas”, “intelectualizadas” ou “populistas”. Os textos eram marcados pelo tom irônico, pelo uso da linguagem coloquial e do palavrão; e versavam sobre sexo, tóxicos e, principalmente, cotidiano das classes privilegiadas. Os livros produzidos nas cooperativas ligadas aos próprios grupos tinham, intencionalmente, características gráficas precárias: eram impressos em papel de qualidade inferior e apresentavam borrões e falhas nas impressões (NASCIMENTO, 2009, p. 41).

Segundo Nascimento (2009, p. 42), a expressão marginal que ganhou repercussão a partir das publicações do final dos anos de 1990 refere ao grupo de escritores que compartilham semelhanças em seus perfis sociológicos. Eles estavam “à margem da produção e do consumo de bens econômicos e culturais, do centro geográfico das cidades e da participação político-social”. Seus textos se caracterizam pela “linguagem coloquial: apelo visual com desenhos, fotos (nos livros) e grafites (nas revistas); recorrência de gírias do hip hop e das periferias; uso do palavrão; utilização da linguagem das periferias urbanas com construções escritas que destoam da norma culta” (NASCIMENTO, 2009, p. 47) e, por fim, pela construção de enredos e personagens que narram e representam a vida e o sujeito dos subúrbios.

Karl Erik Schollhammer (2009, p. 98) afirma que a literatura marginal criou:

[...] um *neodocumentarismo* popular, baseado na prosa testemunhal, autobiográfica e confessional, muitas vezes dando voz a sobreviventes dos infernos institucionais do Brasil, e que se estabelece na zona cinza entre ficção e documentarismo, capaz de conquistar uma fatia significativa do novo mercado editorial.

Desse modo, o escritor marginal se apropria do discurso literário e do contexto periférico, tendo em vista a construção da identidade sem os estereótipos atribuídos às minorias pelos que falam delas, mas não a representam, uma vez que o texto literário “foi sempre um discurso sobre o periférico e não feito pelo periférico; um discurso sobre ele e não por ele” (SILVA, 2011, p. 18). Regina Dalcastagnè (2012, p. 17) diz que “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar *em nome* deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes”. Portanto, a literatura marginal “se ocupa da representação da experiência de miséria e brutalidade da vida nas comunidades pobres das grandes metrópoles, escrita por pessoas que nasceram e cresceram nesses locais” (SILVA, 2011, p. 28).

Manuel Castells (1999, p. 22) entende identidade como “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras formas de significado”. O teórico divide a construção da identidade em três formas e origens: a legitimadora – introduzida e

mantida por instituições dominantes; a de resistência – criada por atores sociais desprovidos de espaços na sociedade e desvalorizados pelas instituições dominantes; e a de projetos – os atores sociais utilizam qualquer material cultural para construir ou redefinir novas identidades (CASTELLS, 1999).

Para Stuart Hall (2004, p. 07), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Dentre as concepções de identidade descritas por Hall (2004, p. 11), é relevante considerar a sociológica, cuja “identidade é formada na "interação" entre o eu e a sociedade”, em que o sujeito é “formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem”. Na concepção pós-moderna, Hall (2004, p. 12) diz que “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas”.

Zilá Bernd (1992, p. 15) discute o conceito de identidade sem se desprender do de alteridade, pois

Excluir o outro leva à visão especular que é redutora: é impossível conceber o ser fora das relações que o ligam ao outro [...] Trata-se, pois de apreender a identidade como uma entidade que se constrói simbolicamente no processo de sua determinação. A consciência de si toma sua forma na tensão entre o olhar sobre si próprio – visão do espelho, incompleta – e o olhar do outro ou do outro de si mesmo – visão complementar.

Para Bernd (1992, p. 76), a literatura tem papel relevante no processo de construção da identidade:

O texto literário atua ora como fator de reforço desta hegemonia, corroborando a ideologia “oficial”, ora como tentativa de sabotá-la, de agir corrosivamente sobre ela, constituindo-se como dissidência à fala exclusiva do poder. Na maioria dos casos, os discursos que realmente se agenciam como *dissidência*, ocuparão as sombrias regiões da marginalidade, pois a hegemonia possui uma extraordinária força legitimante impondo as regras da “normalidade”, deixando, portanto, à margem qualquer tentativa de subversão desta *normalidade*.

Há a função de *dessacralização*, função de desmontagem das engrenagens de um sistema dado, de pôr a nu os mecanismos escondidos, de desmistificar. Há também uma função de *sacralização*, de união da comunidade em torno de seus mitos, de suas crenças, de seu imaginário ou de sua ideologia (GLISSANT, 1981 *apud* BERND, 1992, p. 17).

A literatura marginal, desse modo, enquadra na função dessacralizante. Seus escritores protestam por espaços igualitários e melhores condições de vida, recriando e redefinindo as

velhas identidades. Em seus discursos não há o idealismo do local de origem, muito visto em outras épocas, como no Romantismo, que forjou a identidade nacional ao excluir a figura do outro na representação da história do povo brasileiro.

O escritor Allan Santos da Rosa sintetiza a literatura marginal e o que querem seus escritores:

A gente é marginal mas quer ter editora, quer ter doutorado. A margem pra mim é o que desestabiliza o centro, por isso, mesmo que um dia a gente esteja numa editora grande, vai ser marginal. Marginal é pelo tema, é pela forma, é pela fonte, pela raiz, é pelo público que a gente imagina atingir. Eu penso nos caras que são marginalizados pela cultura quando eu tô escrevendo, eu penso no meu vizinho. Eu me identifico com o termo, mas eu não quero nem pra mim, nem pra você, ficar dormindo embaixo de goteira, passando perrengue (NASCIMENTO, 2006, p. 60).

Com base no exposto e na quantidade de produções que narram o espaço e o cotidiano das periferias urbanas, este estudo delimitou e concentrou suas análises no conto “Jiboia”, de Clóvis de Carvalho.

2. Periferia e representação identitária: a voz e a vez do outro

O conto “Jiboia”, de Clóvis de Carvalho não é autobiográfico, mas não seria ousadia considerá-lo documental e testemunhal por materializar a criminalidade e a animalização do sujeito das periferias urbanas, através da escrita. Pois, os fatos que viram reportagens sensacionalistas na TV são as inspirações de sua narrativa, que impressiona pela crítica e pelo grau de verossimilhança, aproximando-a da crônica e da reportagem policial.

O enredo de Carvalho encadeia elementos da literatura com os cinematográficos, principalmente nos cortes bruscos das cenas, a não linearidade dos fatos e os dois núcleos narrativos apresentando contraste mais aguçado entre a cidade e a periferia. Em um desses núcleos, o protagonista, sem identificação social, vive harmoniosamente cuidando de suas plantas e encantado com o crepúsculo visto de sua casa na favela. No outro, o protagonista é abordado pela polícia, questionado acerca de um suposto envolvimento com o tráfico de drogas, levado à viatura, espancado e torturado até a morte.

Os relatos angustiantes do narrador-personagem revelam a força opressora do sistema segregacionista existente entre a cidade e a periferia. O título, por exemplo, permite aludir à serpente que instintivamente age sobre a sua presa, esmagando-a, quebrando paulatinamente

seus ossos, sufocando-a até a morte e, por fim, devorando-a. Semelhança que pode ser percebida nas agressões que o protagonista sofre ao ser covardemente abordado pela polícia:

Desce seu filho-da-puta. Ô meu qual é? Não precisa me chutar não. Eu sou a lei cara, eu mando nesta bosta de favela. Cadê o bagulho. Não tenho bagulho. Cospo [...] Eu não sei de nada. Não tenho bagulho. Cala a boca seu magrela do caralho. Liga os fios na bateria. [...] Aaaaiiii...Aaaaiiii eu não sei de nada... larga aí. Vamos embora... já era... a bateria é nova o tranco foi forte... já era... (CARVALHO, 2004, p. 07).

Embora o título permita possíveis leituras, no texto o narrador remete não a serpente, mas a planta que viçosamente enfeita e embeleza o ambiente em que vive: “e o vento assobia leve nas folhas da jiboia que se esparrama pela parede do meu barraco, e sinto tanto prazer em ver a natureza avançando com minha ajuda [...] (p. 07)”. Têm-se dois sentidos: a leveza, a harmonia e a fragilidade dos que vivem na periferia representada pela planta jiboia e a brutalidade, a violência, a força opressora do animal conotado na figura da polícia, que representa a legalidade da classe dominante e a invasão da cidade no espaço periférico. Há, neste sentido, uma cadeia de sobrevivência, igualmente a alimentar no reino animal, em que os fortes sobrevivem a partir da opressão, da eliminação e da posição que ocupam no ambiente. O contraste entre os espaços da periferia e da cidade é percebido entre aquele que está sem camisa, descalço e jogando sinuca no bar, com a polícia que esbraveja seu poder autoritário sobre o outro: “mãos na cabeça seus filhos-da-puta. Documentos seu magrela do caralho, não tenho documento não. Ah! Não tem documento vai pro camburão (p. 07)”.

A violência sofrida pelo protagonista é resultado do sistema discriminatório e preconceituoso que incute os estereótipos atribuídos ao marginalizado. “olho a viatura passando, os canas olham a mesa de bilhar e nos descalços pés do jogador sem camisa e de costas magrela, sou eu mesmo! Eles vão parar, filhos...” (p. 07). O fato de estar sem camisa e residente na periferia corrobora na construção de uma identidade associada ao crime e a ‘bandagem’, somando com a falta de identificação social, o que resulta em uma condição de inferioridade em relação às instituições oficiais e nesta representação estereotipada sobre o sujeito à margem socialmente, deflagrada no trecho: “rapaz morto encontrado sem camisa próximo à favela Gato de Briga com sinais de tortura. Briga de tráfico. Polícia investiga” (p. 07). Aqui, a identidade do protagonista encontra suturada à estrutura, em que “estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (HALL, 2004, p. 12).

Além disso, nota-se no conto de Carvalho o tom melancólico do narrador durante o crepúsculo. Há uma poesia imersa na amargura do anoitecer. A noite aparece como símbolo da perda, do presságio e da quebra brusca da harmonia, contrapondo a alegria, a descontração e a mistura das “tribos” nos bailes:

A tarde vem como uma puta atrás de um otário. Fresca e maravilhosa. A brisa invade meu barraco e fico imaginando que poderia morrer hoje: um sábado limpo e claro! [...] A tarde escorre leve e agradável, eu ouço Zeca Baleiro. [...] E a tarde sente o abraço da noite e aquele ventinho começa a dar na tarde seu ar de maturidade, como é lindo o sol caindo lá no fundo do horizonte. Eu poderia morrer numa noite de dezembro. Deitaria e não acordaria mais. Uma boa morte! E o silêncio abastece minha alma e fico olhando que o tempo oferece tudo depois nos devolve. Tudo! (CARVALHO, 2004, p. 07).

Contudo, a periferia presente na literatura marginal não é um discurso tímido e singular, mas sim uma representação da coletividade, que ostenta e faz uso da identidade marginalizada para se posicionar nos espaços que nunca esteve envolvida. Há, nesta literatura, uma reformulação dos discursos construídos pela tradição literária, a crítica à segregação geográfica da periferia e a cidade, as marcas da violência social, a crítica à invisibilidade dos problemas dos subúrbios pelos governantes e, principalmente, a recriação de uma nova identidade desassociada ao crime e que seja definida historicamente, e não biologicamente (HALL, 2004).

Algumas considerações

O estudo propôs analisar a representação da periferia no conto “Jiboia”, de Clóvis de Carvalho, observando suas contribuições na construção da identidade do protagonista, bem como perceber os sentidos de alteridade e compreender o modo como o escritor se apropriou do contexto periférico e o transportou para a narrativa, juntamente com suas angústias e anseios, criticando os papéis sociais e os espaços atribuídos aos sujeitos que estão à margem dos grandes centros urbanos.

Percebeu-se que a produção literária dos escritores marginais carrega as marcas da exclusão iniciada e mantida pela tradição literária. A literatura produzida por eles não visa a busca por uma periferia ou discurso ideal, mas apresentar os problemas reais das zonas excluídas e como vivem ansiosamente seus habitantes numa busca desenfreada por espaços igualitários e sem estereótipos.

O estudo revelou problemas reais que refletem no fazer literário do autor, tais como: a violência, a visão preconceituosa e discriminatória sobre o sujeito das periferias e a falta de melhores condições de vida. O narrador sem nome social sugere a inexistência ou indefinição do sujeito, contribuindo para a criminalização e a banalidade do mesmo, principalmente pelo espaço estigmatizado em que vive.

Portanto, a literatura marginal contemporânea significa um conjunto de discursos que não se exime no espelhar a realidade das periferias, favelas e morros, mas a reivindicação dos espaços negados aos indivíduos oriundos destas áreas urbanas. Seus escritores passaram da condição de objeto a sujeitos dos discursos e são considerados como porta-vozes dos territórios estigmatizados (SILVA, 2011). A literatura produzida sob a égide da marginalidade destitui os modelos tradicionais e conservadores a partir da inserção de vozes que representam a coletividade. O conto de Carvalho funciona como difusor de reflexões sobre a periferia, cujas manifestações literárias produzidas em seu interior assumem a função de transgressão no sentido de ruir, recriar e repensar as velhas identidades atribuídas aos sujeitos marginalizados ao longo do tempo.

Referências

- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1992. (Síntese universitária, 36).
- CARVALHO, Clóvis de. Jiboia. In: Revista Caros Amigos. **Literatura Marginal - a cultura da periferia: ato III**. São Paulo, abr. 2004. p. 07.
- CASTELLS, Manuel. **O poder na identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2).
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte/ Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- GONZAGA, Sérgio. Literatura marginal. In: FERREIRA, João Francisco (org.). **Crítica em nossos dias e literatura marginal**. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1981. p. 143-153.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Literatura Marginal: escritores da periferia entram em cena**. 2006. 211f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006. Disponível em: <http://www.edicoestoro.net/attachments/057_LITERATURA%20MARGINAL%20%200S

%20ESCRITORES%20DA%20PERIFERIA%20ENTRAM%20EM%20CENA.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2014.

_____. **Vozes marginais na literatura.** Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2009.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea:** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. (Coleção contemporânea: Filosofia, literatura e artes).

SILVA, Rogério de Souza. **Cultura e violência:** autores, polêmicas e contribuições da literatura marginal. São Paulo: Annablume, 2011.